

Carta ao meu avozinho



Concurso A Melhor Carta 2021
2º lugar pela Fundação Portuguesa das Comunicações

Agrela, 15 de abril de 2021

Querido avô,

É com muita alegria que te escrevo, esperando que estejas de boa saúde, rodeado de coisas boas. Por aqui, a vida segue com as suas rotinas, embora mais descoloridas devido a uma epidemia pintada de trevas.

Avozinho, tenho andado muito reflexiva. Às vezes, para não pensar, atiro-me à leitura. Tu sabes como eu adoro ler. No meu cérebro ficam todos os símbolos estranhos que observo atentamente nas folhas mudas e amarguradas de cada história. Mas não há história mais amarga que esta que vivo, em tempo real, a minha história em tempos de pandemia. Uma história cujas palavras são insuficientes para pintar a crueldade do que se abateu sobre todos nós. Apetece-me chorar.

Chorar. Mas... isso nunca eliminaria esta praga. Haverá algum propósito em tudo isto? Desculpa. Não te queria maçar. Mas não sei com quem hei de falar sobre estes meus pensamentos depressivos. Tenho medo. E então recordo-me de ti. Ai, querido, avô! Dá-me colinho.

Sempre que miro a claraboia do escritório, recordo-me da pequenez do teu doce olhar anil e despreocupado, do sussurro da brisa noturna que juntamente com os nossos longos diálogos, formava uma música extraordinariamente reconfortante que encantava a noite e me fazia acreditar que a vida a teu lado seria infindável. E em cada sarda da noite, eu via o mundo, contemplava as tuas palavras, em todos os grãos de areia, guardava o teu alegre amparo na palma da minha mão. Como se quisesse acorrentar a eternidade de cada segundo que passávamos juntos.

E, agora, tudo à minha volta, trouxe a escuridão da noite. Devido à Covid-19, parece que a luz não brilha como dantes. Parece que uma banda noturna de orquídeas negras quer matar a beleza das rosas, calar as cigarras proibindo-as de dedilhar as suas guitarras.

Nunca pensei viver com esta triste e cruel realidade. Todos os dias, há notícias de pessoas internadas nos hospitais, de escolas que ora abrem, ora encerram.

Mas a verdade é que a vida continua. Que temos de travar e vencer uma batalha com um inimigo invisível. Temos de saber usar as nossas únicas armas de defesa: máscara, álcool gel; mantermo-nos em segurança com todos os cuidados que nos são aconselhados pelos peritos.

Para me animar, leio e releio a carta que me escreveste, a tua última cartinha. Delício-me a saborear cada palavra, o seu perfume. E vou-me esquecendo que lá fora o mundo quase parou. Vou-me esquecendo do número de vítimas e de mortes que engordam as estatísticas. Desligo o televisor. Calo o rádio.

E sonho. Sonho que, um dia, uma pomba branca talvez me presenteie com a solução para este cenário tristonho. Mas, se isso não suceder, irei maravilhar-me com as nossas lembranças e ansiar pelo dia em que os nossos braços se irão reencontrar.

Possivelmente ainda vais estar à minha espera, do outro lado da claraboia e a noite sorrirá novamente. Por enquanto, concedo-te as minhas tão amadas palavras que agora são também tuas.

Recebe o mais doce dos beijinhos e as minhas eternas saudades.

Inês Gomes